

AS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES E OS REINOS DE KUSH E AXUM

META

Possibilitar ao aluno a perceber a África como um dos primeiros espaços ou o primeiro onde surgiram as sociedades e/ou civilizações materiais e as organizações estatais. Localizar o Rio Nilo como palco de algumas dessas civilizações e estados, a partir do reino de Kush e Axum.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

analisar a África como espaço pioneiro no processo de surgimento de sociedades e/civilizações materiais e organizações estatais.



Pirâmides em Meroe, capital no sul do Reino de Kush (Núbia). (Fonte: <http://antigoegipto.com.sapo.pt>).

INTRODUÇÃO

Em um passado recente, havia intelectuais que pontuavam que os africanos não teriam criado algumas práticas culturais, por não serem capazes e que as mesmas teriam sido importadas de outros continentes, também se questionava a existência de organizações estatais no continente africano. As pesquisas atuais que os habitantes do continente criaram algumas práticas e que houve inúmeras trocas envolvendo os diversos continentes. Nesta aula será apresentando algumas organizações estatais que se desenvolveram ao longo do Rio Nilo e que evidencia como alguns povos africanos criaram seus estados com características peculiares, como também alguns elementos culturais.

A África foi um dos primeiros espaços ou o primeiro que surgiram as sociedades e/ou civilizações materiais e as organizações estatais. E o Nilo foi palco de algumas dessas civilizações e estados. Assim pontuarei alguns elementos sobre os mesmos, inicialmente abordarei alguns aspectos das civilizações materiais, em seguida do reino de Kush e Axum.



Obelisco de Axum, Etiópia. (Fonte: <http://lh5.ggpht.com>).

AS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES

O surgimento das primeiras civilizações está associado ao processo no qual os homens deixaram de apenas se apropriarem dos itens fornecidos pela natureza através da caça, pesca, coleta para produzirem através da agricultura. Esse fenômeno possibilitou uma revolução na vivência humana. Muitos pesquisadores ao estudarem esse fenômeno explicavam-no através de teses difusionistas. Nestas a África e a Europa teria recebido do oriente esse aprendizado. No entanto, autores como Vavilov e Portères iniciaram pesquisas apontando que o cultivo de plantas na África é mesmo fruto de um processo endógeno. Para isso, os homens que lá residiam tiveram que se adequar as transformações do meio e dos ecossistemas, criando instrumentos materiais, culturais e intelectuais para isto.

Os autores citados identificaram alguns berços agrícolas africanos, dentre esses as savanas, espaço nos quais os homens mais desenvolveram a agricultura. Assim, algumas florestas foram diminuídas devido a ação humana parte delas se transformaram em savanas, onde os homens podiam fazer o cultivo, adaptando o meio as suas necessidades. Nas savanas os cereais tiveram um lugar privilegiado devido a grande variedade de sorgos e arroz que podiam ser produzidos. A história da domesticação do sorgo, mostra que os africanos cruzaram algumas variedades deste vegetal no início desse processo, sobretudo nas áreas da África Oriental e Austral. E que há variedades de arroz que também foram domesticadas na África tropical e no vale do Níger. Isso indica que as trocas ocorreram entre a Ásia e África, assim o último não teria sido um receptáculo das técnicas agrícolas do primeiro. A África recebeu plantas como a bananeira, alguns tipos de inhame e a cana de açúcar. Por fim, o continente africano importou algumas espécies de animais domésticos da Ásia, como os caprinos e ovinos, ambos não existiam na fauna africana.

Da mesma maneira que a agricultura a manipulação do ferro na África também era explicada como um aprendizado importado do oriente, Todavia, as pesquisas atuais têm mostrado que inicialmente, o manuseio do ferro foi obra de pequenas comunidades camponesas africanas. No entanto, durante algum tempo as pesquisas arqueológicas privilegiaram as sociedades estatais da África ocidental. Possivelmente não havia relações entre estado e produção de ferro, nem com a última e comércios longos. Os dados das pesquisas permitem pontuar que da mesma maneira que ocorreu com a agricultura, a produção do ferro também foi um processo endógeno. A explicação via difusão é explicada pelo fato de boa parte dos africanos terem passado da idade da pedra para a do ferro, sem a existência da idade do cobre ou do bronze. As exceções foram os a Núbia, Akjut na Mauritània e Agadés no Níger. No primeiro reino o bronze foi bastante difundido.

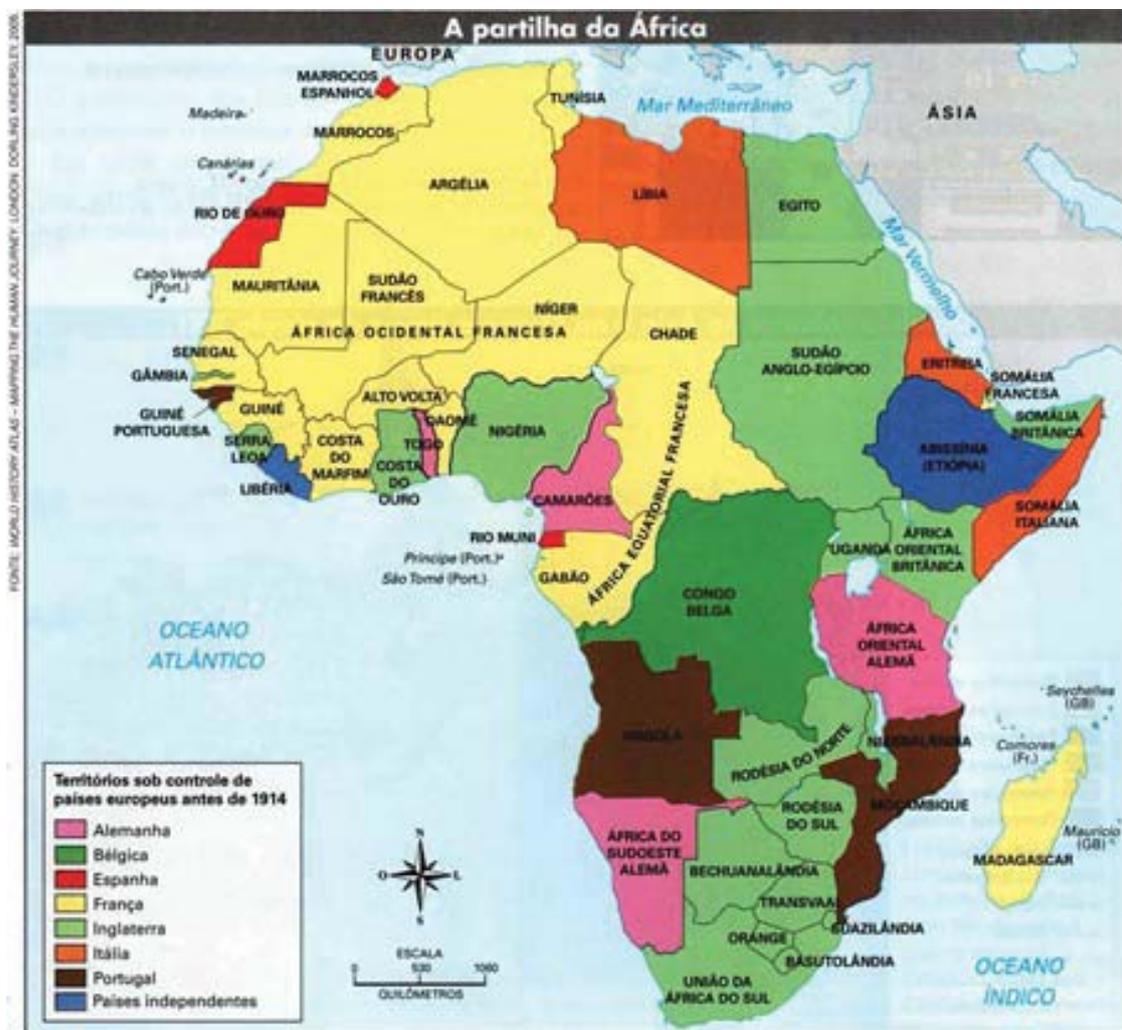
Os sítios arqueológicos têm mostrado que a manipulação do ferro ocorreu em várias áreas e datações antigas. Como por exemplo, na África Ocidental, -2000 anos para Tènére no Níger, século VIII até IX a.C no vale do Taruga na Nigéria. Através dos achados como cerâmicas, restos de fundição, armas de ferro dentre outros do sítio de Nok, localizado no vale do Taruga, sabe-se que essas sociedades eram densas, que desmataram as florestas, seja para a lenha ou para o plantio. E que havia ritos de fertilização ligados a agricultura. Outros sítios como o de Daima e Igbo-UIKwu (Nigéria) ratificam as modificações econômicas e sociais ligadas a utilização do ferro.

As pesquisas arqueológicas na África Central não estão tão aprofundadas como na África Ocidental. No entanto, as pesquisas têm apontado datações próximas dos achados da África Ocidental, Central e Oriental. Os achados arqueológicos encontrados na região de Ruanda, Burundi tem sido datados em -800, -700. Através desses sítios também é possível apontar que em menos de 200 anos, entre os séculos II e IV, as técnicas de fundição do ferro se espalharam sobre uma extensão de 2000 km da região que atualmente é o Quênia, Tanzânia até Natal, Transvaal e Botswana. No entanto ainda não se sabe quando o ferro substituiu a pedra nas lanças e outros utensílios, e quando os objetos que possuíam valor passaram a ser elaborados com cobre ou bronze. O cobre, por exemplo, rico na região da Zâmbia foi explorado apenas nos séculos VII, até então os utensílios encontrados nos túmulos, e por isso deveriam ser objetos de valor, eram de ferro. Em relação ao ouro, as jazidas de ouro que haviam no Zimbábue foram exploradas apenas no início da era cristã.

Além da arqueologia a lingüística também é utilizada na história dessas primeiras civilizações. As línguas africanas como todas as outras possuem uma história de mudanças. Segundo Greenberg e Guthrie havia na África Antiga quatro grandes famílias de línguas, todas possuindo uma origem e da mesma maneira que a agricultura e a fundição do ferro teve um processo endógeno, incluindo a Afro-asiática. As quatro famílias seriam a Nígero-cordofaniano, Nilo-sariano, Khoisã e afro-asiático.

Os estudos sobre a língua bantu pertencente ao primeiro grupo citado têm sido bastante produtivos, pois mostram que as semelhanças entre as línguas bantus atuais são genéticas e que todas são procedentes de uma língua ancestral comum que é oriunda de uma região limite localizada atualmente entre o oriente da Nigéria e os Camarões. A datação do surgimento da língua ancestral é fruto de debate, alguns autores apontam -1000 outros -3000. Do ponto que teria surgido a língua ancestral teriam partiram levas para o oriente e para o ocidente, surgindo o bantu oriental e o ocidental. Na região do Congo-Zaire como na região oriental esses povos estabeleceram trocas culturais mútuas com os que lá já residiam como os pigmeus por exemplo. Ressalta-se que as grandes mudanças ocorridas no cenário africano como

a agricultura, as migrações ocorreram em sociedades não estatais, contudo havia algumas sociedades estatais no contexto africano.



Mapa da Núbia. (Fonte: <http://pt.wikilingue.com>).

O REINO DE KUSH

As primeiras organizações estatais se ergueram ao longo do rio Nilo, e foram: Egito e Kush- Napata/Meroé. A chamada cultura kerma correspondia ao rico reino de Kush. Há inúmeros debates sobre o Egito pertencer ou não ao cenário africano negro, no entanto sabe-se que os reinos de Kush e Axum pertenciam ao citado contexto. Ressalta-se que não foram continuções dos estados mediterrâneos, mas sim estados africanos.

Kush e Núbia eram nomenclaturas vagas para os africanos do norte, o último nomeava as regiões localizadas ao sul do Egito e irrigados pelo rio Nilo, já Kush uma área menor que correspondia ao vale médio do Nilo. Entre a segunda e quarta catarata do rio. Durante muito tempo os historiadores defenderam que esses reinos eram apenas fruto da influência

egípcia. No entanto, os historiadores e arqueólogos atuais defendem que os mesmos criaram alguns elementos culturais, no entanto, as fontes históricas são poucas para estabelecer quais foram os empréstimos e criações.

Os arqueólogos ao pesquisarem os túmulos de Kush perceberam que eles foram contemporâneos as primeiras dinastias dos faraós, por volta do IV milênio a.C e que esses túmulos têm elementos culturais locais como também influências do Egito pré-dinástico e faraônico. Essas pesquisas também apontam um comércio que trocava marfins e peles que iam para o norte e cobre que iria para o sul. Posteriormente, as relações políticas possivelmente foram estremecidas entre o Egito e seus vizinhos do sul, no entanto, as relações comerciais perduraram, pois o Egito era dependente dos produtos que vinham do sul. Também temos notícias das pressões exercidas pela Núbia ao Egito e por isso o último construiu fortes, mas mesmo com essas precauções é possível que tenha existido faraós núbios, pois há notícias de faraós negros como Amenemhant, fundador da XII dinastia (-1991/-1786). No segundo milênio o nome Kush aparece com mais frequência nos textos egípcios.

A extensão do reino de Kush variou. O extremo norte da Núbia, conhecido como Baixa Núbia, era uma área de disputa com o Egito, persas, ptolomeus e romanos. No centro do Império, a Núbia de fato, ficavam as cidades de Napata, Dongola e Kerma. Elefantina seria a fronteira ao norte do reino de Kush e a capital possivelmente era Kerma, que se localizava possivelmente na terceira catarata do Nilo. Nessa cidade encontrou-se um túmulo que possivelmente era de um príncipe, junto ao seu corpo foram encontrados objetos ritualísticos e usuais e mais ou menos 200 pessoas entre crianças e mulheres.

O rei de Kush tinha uma grande força militar, pois o rei dos hicsos solicitou ajuda bélica contra o rei egípcio. Com o restabelecimento da dinastia faraônica, Kush foi submetido ao Egito. Kush foi dividido em duas partes, Wawat, do alto Egito até a segunda catarata e Kush entre a segunda e quarta catarata. Os egípcios organizaram explorações de minérios, e produtos de caça e coleta e estabeleceu uma administração indireta. Nesta os chefes locais enviavam seus filhos para a corte egípcia para serem educados e o poder era dividido. Esse processo implicou em uma influência egípcia na Núbia, mas também esses filhos dos chefes da Núbia ocuparam cargos no Egito. Com o passar dos anos esses conseguiram tomar o poder no Egito e constituíram uma dinastia etíope, mais precisamente kushítica por volta de -750 a -663. Alguns dos reis dessa dinastia foram Alara e Kashta. Os egípcios retomaram o poder e aos poucos os kushíticas retornaram para as suas terras.

Havia vários templos no reino de Kush. O rei Taharqa, por exemplo, construiu inúmeras capelas para o culto de Amôn e Osíris. Ressalta-se que alguns dos monumentos presentes no Reino de Kush tinham influências egípcias, mas os ornamentos dos mesmos eram sudaneses, as pessoas esculpadas utilizavam o gorro e adereços usados no reino citado.

Os persas tentaram conquistar Napata, mas não se sabe se essa conquista foi efetivada, no entanto é do conhecimento que o exercito persa contava com uma força negra constituída por kushíticos. Devido as tentativas de conquista persas e egípcias a capital foi transferida para Meroé, na sexta catarata e por isso mais distante dos egípcios. Além de melhor localização, Meróe tinha mais recursos econômicos que Napata, as chuvas eram mais regulares o que possibilitava um abastecimento de comida mais adequado. Além disso, Napata era cercada por desertos e Meróe por savanas. Ainda sobre a sua localização, Meróe situava-se em uma zona de trocas comerciais locais e internacionais, onde havia uma floresta que fornecia lenha suficiente para a fundição do ferro. No entanto, mesmo com a transferência da capital, a necrópole de Nuri localizada em Napata continuou recebendo as sepulturas reais até o final do século III a.C, Napata ficou sendo uma espécie de capital religiosa do reino.

Contudo mesmo após a transferência da capital, Kush continuou sendo alvo dos romanos como Petrônio e dos persas, como o rei da Pérsia Cambises que enviou espiões para Meróe para perceberem a situação do reino. Petrônio enviou expedições a Kush para se vingar dos kushíticos que teriam atacado Tebaida no Egito e levado estátuas do imperador Augusto como troféus. Ele tornou-se senhor de Napata, arrasou a cidade e escravizou os habitantes. Há um intervalo na história de Napata que pouco se sabe entre a XXV dinastia e a dissolução do reino, que ocorreu através da tomada do poder pelo reino de Axum e através de problemas internos. Saliento que o Reino de Meróe tinha as ameaças dos axumitas ao sul e dos egípcios ao norte, além das tribos nômades, esses conflitos possivelmente contribuíram para a dissolução.

REINO DE MERÓE

Algumas das fontes históricas utilizadas para estudar o reino de Meróe são os achados arqueológicos, as escritas meroíticas e a crônica de Estrabão.

O rei de Meroé era eleito, e essa característica causava espanto nos viajantes estrangeiros como Heródoto. O rei vivia com os irmãos reais que eram 24 homens, entre esses estavam os chefes militares e os altos dignitários, após a morte de um rei, dava-se preferência que o seu substituto fosse um irmão e não um filho. Após a escolha do rei iam para Napata em uma espécie de procissão até o templo se consagrar de fato o monarca.

Possivelmente a filiação matrilinear era mais importante que a patrilinear. As mulheres tinham um importante papel na monarquia, as candácias, uma modificação da palavra meroítica Ktke ou kdke (rainha-mãe). Elas educavam os príncipes e em alguns casos até uma idade avançada, participavam na escolha do rei na cerimônia de coroamento e também eram conselheiras ouvidas pelos filhos ou pelos maridos. Posteriormente a rainha

mãe passa a possuir uma regência e esta contribuiu para a tomada do poder das mulheres, assim no século II a.C houve rainhas como Shanakdakhete (-170/-160), Amanichakêê na segunda metade do primeiro século a.C, e Amanitêê esposa do rei Natakamani (-20/+15). A segunda rainha citada, Amanichakêê é mencionada por Estrabão por ter resistido a expedição de Petrônio. E a terceira rainha Amanitêê é citada no Bíblia. Os maridos de algumas dessas rainhas ainda são desconhecidos o que indicia que não tinham grandes poderes no reino. Para Leclant, elas construíram uma espécie de matriarcado com especificidades locais.

Meróe foi o primeiro reino baseado nos princípios da realeza sagrada que ocorria uma identificação entre a integridade física do rei e a do reino, uma identificação da beleza física e das qualidades e dos atributos morais do rei à prosperidade e o prestígio do reino. Por isso havia ritos de renovação da coroação do rei, para assim rejuvenescê-lo assim como o seu reino. Nesse contexto os sacerdotes tinham um enorme poderio, incluindo o poder de mandar o rei cometer suicídio caso o povo estivesse descontente. No entanto, a aristocracia e os reis meroíticos estavam susceptíveis a novas influências religiosas, assim foram influenciados pelos egípcios, posteriormente pelos gregos, em seguida judeus que se instalaram em Elefantina formando uma pequena comunidade judia e por fim o cristianismo que se instalou no período da rainha Amanitêê.

Havia dificuldades na comunicação entre as cidades e por isso havia uma relativa autonomia entre as mesmas, para Leclant o reino era federalista. Os chefes das antigas unidades que foram integradas a Meróe foram mantidos para administrarem as suas regiões, esses também contribuía na coleta de impostos. No norte do reino, na divisa com o Egito o comando dos negócios era atribuído a um funcionário específico, o Pqr ou Pakar que possivelmente era um filho do rei.

As atividades econômicas do reino eram diversas, todavia a agricultura era a mais praticada, produtos como o trigo, centeio e sorgo eram cultivados. Alguns deles eram produzidos em terras irrigadas, pois a irrigação é conhecida desde o século XV a.C. Também havia os artesãos que faziam tecidos com o algodão. A agricultura era praticada por aldeões, mas também havia escravos nas terras do rei, dos dignitários políticos, militares e religiosos. Além dessas também se criava o gado, e havia grande desenvolvimento do artesanato através de pedreiros e ocupações ligadas à construção; além do manuseio com o ferro, e a feitura de cerâmicas. Por fim, ainda existiam os produtos provenientes da caça, da extração e da coleta, como plumas de avestruz, pedras preciosas dentre outros. Meróe comercializava com o Egito, com o mar Vermelho, e com outros reinos do Nilo. O camelo, domesticado desde (-25/-15) possibilitou que esse comércio ocorresse de forma mais intensa.

A decadência de Meróe ocorreu devido ao fato de Meróe não ter conseguido dominar os povos nômades que foram dominados pelo reino de Axum.

REINO DE AXUM

Axum era nome do reino e da capital. Esse nome aparece nos relatos de Claudio Ptolomeu no início da era Cristã. O reino de Axum consegue a sua hegemonia possivelmente por conta do domínio das rotas de comércio internacional com o Mar Vermelho. Há notícias de um porto, o de Adulis que dominava uma importante encruzilhada formada com os estreitos de Málaca e de Gilbratar. E por isso era um ponto importante no comércio com o Mediterrâneo e com os reinos da Ásia oriental e da África.

Axum ficava localizada no norte da atual Etiópia e ao norte da Eritreia, possuindo uma superfície de aproximadamente 300 km de comprimento e 160 km de largura. O período pré-axumita, entre os séculos V e I a.C é pouco conhecido, no entanto, o intervalo entre o século I e VI da era cristã há um leque grande de fontes. As fontes arqueológicas é uma delas, a arqueologia, por exemplo, encontrou vestígios de inúmeros prédios religiosos, reais dentre outros, além de túmulos e casas. Na região havia recursos naturais como a água que possibilitava a construção desses prédios e a fixação do homem.

Ressalta-se que até o século VI havia uma distinção entre os axumitas e os etíopes, os primeiros eram os príncipes e súditos do reino de Axum, e os segundos estavam em um território mais amplo, e que incluía populações pouco ou não dominadas por Axum. O título de Negres era atribuído aos grandes dignitários, chefes de exército e das cidades estados. O rei de Axum tinha o título de Negus Negast – Rei dos Reis. Havia duas formas de administração, a direta e a indireta. Em algumas áreas o rei intervinha diretamente, enquanto que em outras os chefes pagavam tributos ao rei e fornecia pessoas para o exército.

O reino de Axum desenvolveu uma política internacional bastante interessante, pois dialogava com as duas margens do mar Vermelho, a África e a Ásia, entre seus vizinhos havia possíveis inimigos que era preferível subordiná-los e grandes potências como o Egito, Bizâncio, Império Romano e os Persas com essas o rei negociava.

O reino de Axum produzia principalmente dois tipos de guerra as de conquista e as de pacificação. Nas primeiras subordinava os vencidos, realizando com os mesmos as vontades dos vencedores e na segunda reconquistava povos, ou retomava o poder a povos que outrora já tinham sido conquistados. Através das guerras eles conseguiam escravos, um monopólio comercial e acumulavam fortunas.

No século III, Axum já era uma potência mundial, ressalta-se que era classificada dessa maneira pelos persas. As relações com a Arábia eram complexas, em algumas ocasiões faziam-se alianças e em outras se promoviam guerras. Nos momentos de conflito, o reino de Axum se prevalecia do fato da Arábia estar dividida em três estados adversários.

Entre o século IV e o VI sabe-se poucas informações sobre o reino de Axum. No século IV faleceu o rei Ezana, e após o seu falecimento alguns povos e reinos submetidos possivelmente ficaram autônomos de Axum, a exemplo de Himyar na Arábia. No século VI, Axum já era um reino cristão e esse foi um dos motivos que provocou novas expedições a Himyar, pois esse estado árabe tinha se tornado uma colônia de judeus. Axum reconquista o citado Estado e coloca um cristão local no poder. Essa ação do reino de Axum teve o apoio do Império Romano e de Alexandria e Bizâncio e devido a reconquista de Himyar, o reino de Axum adquiriu mais simpatia de Bizâncio.

As atividades econômicas eram diversas entre elas temos a caça e a coleta, a agricultura, o artesanato – faziam taças, tigelas e pratos de cerâmicas, e a pecuária – criavam bovinos, carneiros, burros e mulas, além de elefantes que serviam unicamente ao rei. Além dessas atividades também havia o comércio internacional, neste os axumitas compravam folhas de cobre – estas serviam para fazer adornos para as mulheres e utensílios de cozinha, vinhos, cana de açúcar, arroz dentre outros. Através de algumas fontes sabemos alguns hábitos alimentares possivelmente da elite como bolos, carnes, vinhos, cerveja, manteiga e azeite.

Axum conforme já foi citado era o nome do reino e da capital, além de Axum, também havia outras cidades importantes dentre elas Adulis, cidade que ficava localizada o porto. Nas grandes cidades havia a presença de inúmeros comerciantes estrangeiros dentre eles romanos, bizantinos, árabes e indianos.

O reino de Axum recebeu influências diversas assim como os meroíticos, dentre as influências temos as dos meroíticos visíveis na arquitetura, nas esculturas, e em algumas práticas religiosas. A língua gueze era a oficial do reino. Mas também é possível encontrar no reino textos em língua grega, ou uma sul-arábica e a etíope que aparece após o século II.

Na religião, em um primeiro momento, os axumitas eram politeístas, faziam sacrifícios de animais domésticos e adoravam inúmeras divindades de distintas localidades. Dentre elas estava Astar, uma divindade cósmica e popular. Beher e Meder eram divindades ctônicas, e ainda havia Mahren- o deus da guerra que também era uma divindade étnica e dinástica. Também tinham os cultos egípcios e meroíticos como Hórus, Hantor. Os deuses gregos também se fizeram presentes, Poseidon – Deus do Mar- era cultuado em Adulis e na costa do Mar Vermelho. Da Arábia foi o Judaísmo e por fim o cristianismo entrou no reino por volta de 330-360 através de Frumêncio. Este se tornou conselheiro do rei, educou seus filhos entre eles estava o já citado Ezana. Frumêncio foi para Alexandria tornou-se bispo e retornou a Axum batizando o primeiro rei cristão de Axum – Ezana. Este ato significou um dos momentos do processo de cristianização do reino que ocorreu com resistências. E talvez por isso, inicialmente, houve uma ligação entre

o Cristianismo e as religiões já existentes em Axum, uma mostra disso é a associação entre o Deus Cristão e o Deus Beher. Ressalta-se que a adoção do Cristianismo está associado as trocas culturais realizadas com Bizâncio/Constantinopla e o reino de Axum. Ainda sobre o cristianismo no reino de Axum, várias ordens monofisistas [Os monofisistas acreditavam que Jesus Cristo teria tido apenas uma natureza, a divina, se contrapondo aos que defendiam as duas naturezas de Cristo, a divina e a humana. No concílio de Calcedônia ocorrido no ano de 451 foi aprovado a ideia das duas naturezas de Cristo.] migraram para o reino de Axum fugindo das perseguições que eram alvo na Síria, esses monges também contribuíram no processo de cristianização. Essas ordens monásticas se diziam ser descendentes de novos santos oriundos de Roma dentre os santos estavam Afsé, Alef, Aragawi, Garima, Guba, Liqanos, Patalewon, Sehma, Yimaata. Os príncipes de Axum construíram igrejas e distribuíram terras as ordens monásticas e assim efetivou ainda mais seu poderio sobre o reino.

CONCLUSÃO

A África foi um dos primeiros espaços ou o primeiro onde surgiram as sociedades e/ou civilizações materiais e as organizações estatais no mundo. As margens do rio Nilo foi palco de algumas dessas sociedades. São casos emblemáticos dessas civilizações materiais as desenvolvidas no reino de Kush e Axum. As primeiras organizações estatais erguidas ao longo das margens do rio Nilo foram: Egito e Kush- Napata/Meroé. A chamada cultura kerma correspondia ao rico reino de Kush. Há inúmeros debates sobre o Egito pertencer ou não ao cenário africano negro, no entanto sabe-se que os reinos de Kush e Axum pertenciam ao citado contexto. Ressalta-se que não foram continuções dos estados mediterrâneos, mas sim estados africanos. Kush e Núbia eram nomenclaturas vagas para os africanos do norte. Núbia nomeava as regiões localizadas ao sul do Egito e irrigados pelo rio Nilo, já Kush uma área menor que correspondia ao vale médio do Nilo. Durante muito tempo os historiadores defenderam que esses reinos eram apenas fruto da influência egípcia. No entanto, estudos de historiadores e arqueólogos atuais defendem que os mesmos criaram elementos, no entanto, as fontes históricas são poucas para estabelecer quais foram os empréstimos e criações. Também são raras as fontes históricas disponíveis para o estudo do reino de Meróe, são os achados arqueológicos, as escritas meroíticas e a crônica de Estrabão.



RESUMO

A África foi um dos primeiros espaços ou o primeiro onde surgiram as sociedades e/ou civilizações materiais e as organizações estatais no mundo. As margens do rio Nilo foi palco de algumas dessas sociedades. São casos emblemáticos dessas civilizações materiais as desenvolvidas no reino de Kush e Axum. O surgimento das primeiras civilizações está associado ao momento em que os homens deixaram de apropriar-se dos itens fornecidos pela natureza para os produzirem através da agricultura. Segundo Vavilov e Portères agricultura africana é fruto de um processo endógeno, da adequação das transformações do meio e da criação dos instrumentos materiais, culturais e intelectuais. Decorre desse processo a diminuição das florestas devido a ação humana, transformando-as em savanas. Nelas os cereais tiveram um lugar privilegiado devido a grande variedade de sorgos e arroz que ali produzidos. A história da domesticação do sorgo evidencia como os africanos cruzaram algumas variedades deste vegetal. A das variedades de arroz demonstram como os africanos os domesticaram. As trocas entre a Ásia e África, indicam que este o último não teria sido um receptáculo das técnicas agrícolas do primeiro. A África recebeu plantas como a bananeira, alguns tipos de inhame e a cana de açúcar. Por fim, o continente africano importou algumas espécies de animais domésticos da Ásia, como os caprinos e ovinos, ambos não existiam na fauna africana. Assim como a agricultura pesquisas recentes têm mostrado que inicialmente, o manuseio do ferro foi obra de pequenas comunidades camponesas africanas. No entanto, durante algum tempo as pesquisas arqueológicas privilegiaram as sociedades estatais da África ocidental. Os dados das pesquisas permitem pontuar que da mesma maneira que ocorreu com a agricultura foi um processo endógeno. As línguas africanas como todas as outras possuem uma história de mudanças. Segundo Greenberg e Guthrie havia na África Antiga quatro grandes famílias de línguas, todas possuindo uma origem, da mesma maneira que a agricultura e a fundição do ferro teve um processo endógeno. As quatro famílias seriam a Nígero-cordofaniano, Nilo-sariano, Khoisã e afro-asiático.



ATIVIDADE

1. O Reino de Axum teve uma variedade de aspectos religiosos, descreva-os.
2. As mulheres possuíam um papel político importante em Meróe. Disserte sobre esse papel.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O aluno deverá identificar algumas características que se destacaram nos reinos estudados nesta aula, como o papel das mulheres, das candacias e da religião.

PRÓXIMA AULA

Nessa aula vimos algumas organizações estatais que se desenvolveram ao longo do Rio Nilo, e que as mesmas entraram em contato com os cristãos. Na próxima aula veremos a entrada do Islamismo e algumas características e a formação de alguns reinos do chamado Sudão Ocidental.

**AUTOAVALIAÇÃO**

Posso identificar a África como um dos primeiros espaços de surgimento das sociedades e/ou civilizações materiais e organizações estatais. Localizadas as margens do rio Nilo.

**REFERÊNCIAS**

- LECLANT, J. O Império de Kush: Napata e Meróe. In: História Geral da África II, África Antiga. Coordenador do volume G. Mokhtar. São Paulo: Ática (Paris) Unesco, 1983. pp. 243-276
- M'BOKOLO. Elikia. África Negra: História e Civilizações, Tomo I (até o século XVIII). Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.
- OLIVER, Roland. A experiência Africana: Da Pré-História até os dias atuais. . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.